

Juvêncio Marins

A IRMÃ

DOSSIÊ DE APRESENTAÇÃO

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

Material destinado a editoras, agentes literários e produtoras audiovisuais

1. Ficha da obra

Título: A IRMÃ

Autor: Juvêncio Marins

Gênero: Drama psicológico / suspense / ficção contemporânea

Extensão: 249 páginas

Estágio de desenvolvimento: Pronta

Público-alvo: Leitores adultos e adultos jovens interessados em dramas de identidade, suspense psicológico, conflitos familiares, religião, culpa, transformação pessoal e narrativas contemporâneas.

Formato de exploração: Publicação literária e adaptação audiovisual.

2. Pitch

Depois de matar acidentalmente a irmã gêmea, Natanael Ritelli assume sua identidade e atravessa as portas de um convento salesiano como Irmã Natália. A semelhança física torna a impostura possível; todo o resto a transforma em uma armadilha. Para sustentar a nova vida, Natanael precisa aprender os gestos, relações, convicções e segredos de uma irmã conservadora e politicamente ambiciosa, enquanto carrega o remorso pela morte que tornou a troca definitiva. Dentro do convento, porém, a identidade herdada começa a colidir com quem ele foi e com quem ainda pode se tornar. A IRMÃ é um drama psicológico de suspense sobre identidade, culpa, fé e transformação - e sobre a possibilidade de ocupar o lugar de outra pessoa sem conseguir escapar de si mesmo.

3. Sinopse

Dois irmãos bivitelinos. Dois destinos que se fundem. Natanael e Natália.

Ele, dividido entre os anjos e os demônios que circulavam em torno de sua vida transexual. Ela, Irmã Salesiana, envolta em seus próprios conflitos, na aridez emocional e numa ambição política conservadora e reacionária, responsável por sua transferência de congregação para a cidade de São Paulo.

Um estranho tremor apossou-se dos dedos de Natanael ao apresentar à noviça do convento os documentos eclesiásticos. Seu olhar permaneceu fixo numa frase impressa no livro aberto sobre a mesa:

DA MIHI ANIMAS CETERA TOLLE (Dá-me almas e ficai com o resto.)

Fragmentos do passado recente começaram a tomar forma. Natanael assinou os papéis, ajeitou o crucifixo e seguiu em direção ao aposento. No caminho, deteve-se diante do espelho.

Usava um hábito. Como sua irmã. A irmã cujo lugar agora ocupava.

Depois de matá-la acidentalmente, Natanael assumira sua identidade e atravessara as portas do convento carregando consigo o hálito do remorso e a esperança de que aquela troca de vidas pudesse conduzi-lo a uma nova existência. Mas assumir o lugar de Natália significava muito mais do que vestir seu hábito e carregar seu nome. Significava também herdar seus conflitos, suas relações, seus segredos e uma vida religiosa e política construída muito antes de sua chegada.

Entre aquilo que fora, aquilo que aparentava ser e aquilo em que ainda poderia se transformar, Natanael descobriria que talvez fosse possível ocupar o lugar de outra pessoa - mas não necessariamente escapar de si mesmo.

4. Diferenciais e posicionamento

- **Identidade como motor dramático.** A troca entre irmãos bivitelinos não funciona apenas como disfarce: obriga Natanael a habitar uma biografia, uma instituição e uma rede de relações que pertenciam à irmã.
- **Contraste entre os protagonistas.** A trajetória transexual de Natanael e a vida religiosa, conservadora e politicamente ambiciosa de Natália criam um choque permanente entre duas experiências de mundo que passam a ocupar a mesma identidade social.
- **Suspense de impostura.** A permanência no convento depende da capacidade de Natanael reproduzir comportamentos, informações, vínculos e expectativas construídos por Natália antes de sua morte.
- **Conflito entre culpa e transformação.** A morte acidental da irmã coloca o remorso no centro da narrativa e transforma a nova identidade simultaneamente em fuga, penitência e possibilidade de reconstrução.
- **Ambiente religioso como espaço de tensão.** O convento salesiano, seus códigos, hierarquias, relações internas e disputas ampliam o risco de revelação e colocam a personagem diante de valores que entram em confronto com sua vida anterior.
- **Imagem central de forte comunicação.** O espelho, o hábito e a semelhança entre os irmãos sintetizam visualmente o tema da obra: a distância entre aparência, identidade, memória e pertencimento.

5. Potencial editorial e comercial

A obra combina drama psicológico, suspense de identidade e conflitos contemporâneos em uma premissa de comunicação imediata: após a morte acidental da irmã gêmea, um homem transexual assume a identidade dela e entra em um convento salesiano.

A tensão entre a vida anterior de Natanael e a biografia pública de Natália cria um eixo narrativo capaz de dialogar com leitores interessados em identidade, família, religião, culpa, intolerância, pertencimento e transformação pessoal, sem depender de um único gênero de mercado.

O contraste entre o universo religioso, a impostura e os segredos herdados favorece apresentação editorial clara, elementos visuais fortes e discussão temática com potencial de repercussão e diferentes portas de entrada para o público.

6. Potencial de adaptação audiovisual

- **Premissa visual imediata.** A imagem de Natanael diante do espelho, usando o hábito da irmã cuja identidade assumiu, oferece uma síntese cinematográfica clara do conflito central.
- **Suspense sustentado pela identidade.** Cada encontro dentro do convento pode produzir risco de descoberta, já que pessoas, fatos e relações do passado de Natália precisam ser reconhecidos e administrados por alguém que não os viveu.
- **Personagem central de alta complexidade.** Natanael reúne culpa, vulnerabilidade, capacidade de performance, desejo de sobrevivência e transformação, oferecendo um arco dramático forte para cinema ou série.
- **Universos contrastantes.** A narrativa articula a vida anterior de Natanael, a relação conflituosa com Natália e o cotidiano institucional do convento, permitindo contrastes visuais, temporais e emocionais.
- **Potencial para longa ou minissérie.** A premissa pode ser concentrada na impostura e no risco de revelação em um longa-metragem ou expandida episodicamente pelos conflitos, segredos e relações herdados de Natália.

7. Público-alvo

Leitores e espectadores adultos e adultos jovens interessados em drama psicológico, suspense, identidade, relações familiares, religião, culpa, intolerância, transformação pessoal e histórias em que uma personagem precisa sustentar uma vida que originalmente pertencia a outra pessoa.

8. Sobre o autor

Juvêncio Marins é escritor, jornalista, professor e historiador. Foi cronista no Jornal da Bahia e na Tribuna Feirense. Finalista por três vezes do Prêmio SESC de Literatura, venceu os Prêmios Letras de Salvador e Mentres Verdes. É autor de obras de ficção e desenvolve também projetos com possibilidade de adaptação para outras linguagens, inclusive editoriais e audiovisuais.

9. Obras publicadas

- Crônicas e Contos que a Bahia Conta
- A Ordem de Bridge
- Blindfolded — Vol. I: Reação (também editado em formato HQ)
- A Regra — Vol. I: O Homem que Nunca Existiu
- Ponto Final
- A Irmandade da Cobra que Fuma
- A Casa de TR
- A Letra Morta
- A Casa Número 11 — Vol. I: O Assassino do Cano Duplo
- A Casa Número 11 — Vol. II: O Homem sem Rosto

10. Informações e contatos do autor

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

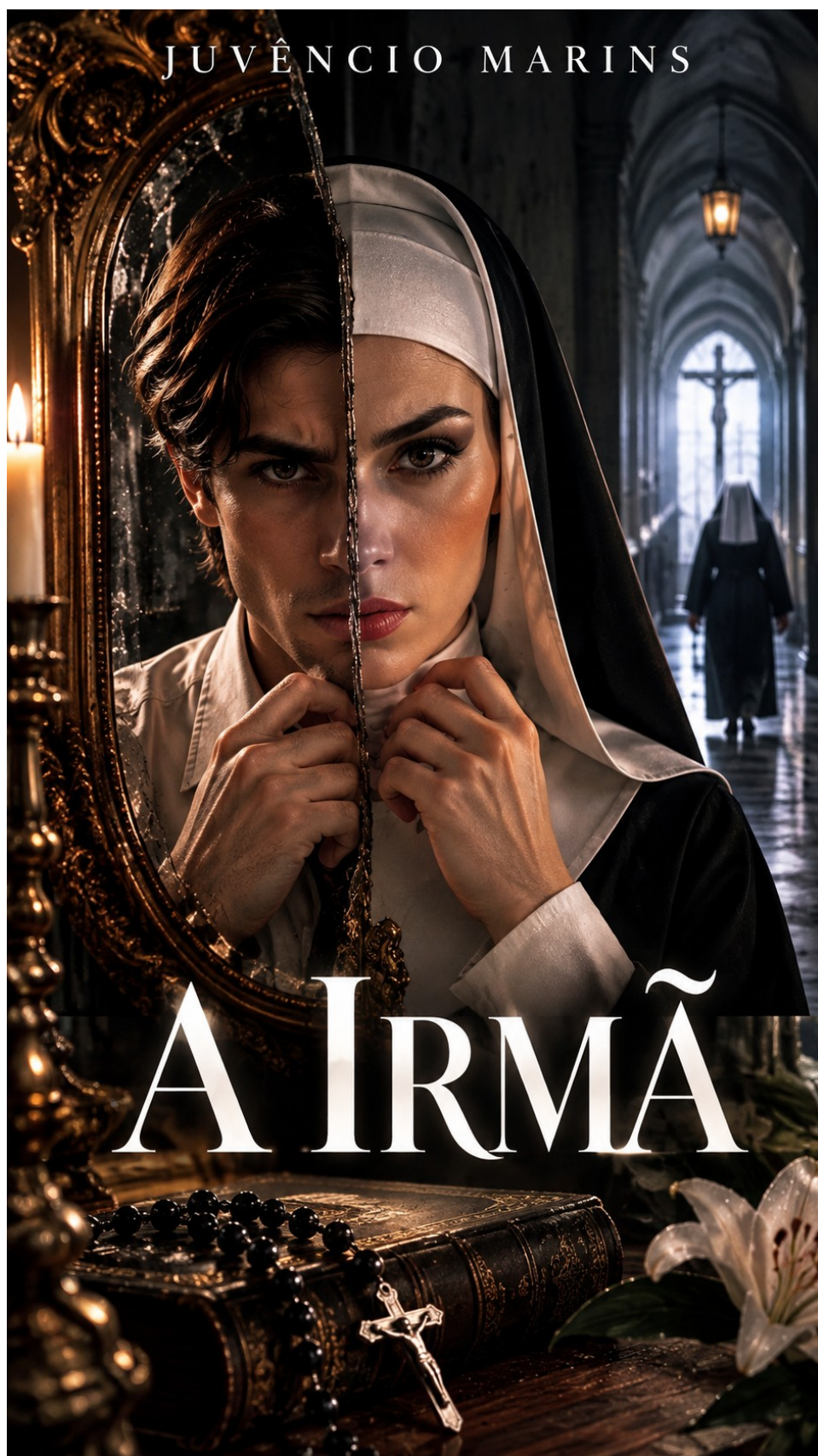
E-mail: maisde3neuronios@protonmail.com

Telefone / WhatsApp: (55 71) 99626-4779

Site: www.maisde3neuronios.com

AMOSTRA DA OBRA

Capítulos 1 a 4



CAPÍTULO 1

Final de tarde abafada. O suor ameaçava empapar o véu, após a cansativa viagem de Petrópolis para São Paulo, quando a religiosa pagou o táxi, pegou a bagagem e caminhou por entre árvores bem cuidadas, até alcançar um grande portão flanqueado por enormes grifos de mármore. Conformada, seguiu devagar pela trilha de pedras portuguesas, ladeada por canteiros com lírios e jasmims, e chegou ao prédio principal. Ela lembrou-se do perfil que sua irmã havia anexado nas mensagens anteriores ao último contato entre elas. Havia uma lista de detalhes relevantes e preferências sobre todo o procedimento e as atividades que desenvolveria, quando chegasse ali.

A porta estava aberta. Foi recebida por uma recepcionista com rosto redondo e olhos curiosos, nariz bem esculpido e ligeiramente aquilino, linha do queixo bem definida, pele rosada e uniforme impecavelmente limpo, que lhe entregou documentos e um par de chaves. Percebeu, intuitivamente, que ela parecia inteligente, além de entrever certas características de credulidade e encantamento, com uma voz arrastada que lhe soou meio forçada.

Agradeceu e relanceou o olhar fixando-o no espelho pendurado na coluna ao lado. O pescoço arrepiou. O reflexo havia se materializado e parecia disposto a arrancar o seu hábito e o véu e arrastá-la pelos cabelos para fora dali. O coração disparou, aquilo não era real. Inspirou e fechou os olhos. Ao reabri-los, sabia que não havia jeito e nem razão para desistir. Mirou os documentos e suspirou. O tremor ainda estava presente e lhe percorreu as mãos ao mover a caneta, sob as discretas luzes do candelabro, perto do grande crucifixo, no hall de entrada do Convento Salesiano.

Ela pensava no que essa experiência significava: abandonaria o passado, sofreria com carências afetivas, obedeceria às decisões aleatórias de tiranas disfarçadas de clérigas e viveria sobressaltada sob ameaças de todo tipo. Esse seria o seu destino, intuiu, imersa em recordações. Lembrou-se de estar no aeroporto do Galeão, no último verão, e comprar uma passagem para Salvador sem pedir permissão a ninguém nem mostrar documento algum, e da empolgante sensação de completa liberdade que isso lhe proporcionara. Havia muito tempo que queimara qualquer regra em sua vida. Mas agora como sobreviveria? Como suportaria as condições de vida que a aguardavam?

Os sentimentos conflitantes em relação ao futuro se intensificavam a cada minuto transcorrido. Seu futuro parecia roubado pelos descaminhos do camaleônico destino que se avizinhava.

“Eu fiz as escolhas e assumi os riscos”, refletiu.

Ela inspirou e imediatamente lembrou-se de Natália Ritelli, sua irmã bivitelina. Quando jovens, ela e Natália de vez em quando discutiam, e quase sempre transformavam as palavras em ofensas. Conhecia os sinais de recuos e excessos nas discussões. Por isso, sabia exatamente o momento que nova briga estouraria, mesmo durante uma conversa trivial sobre onde colocar o vaso de orquídeas ou como alimentar os gatos.

Há muitos anos, num dia gelado e cinzento, na cozinha do sobrado da casa dos pais, em Petrópolis, sentiu a hostilidade dela, tão cortante quanto o vento frio da região serrana nos seus piores dias. Naquele dia, estava sentada no lado oposto da mesa sem mirar a irmã gêmea, que usava uma roupa sóbria, resumida num apertado casaco cinza, camisa branca engomada e uma saia de brim. A irmã segurava efusivamente os documentos de autorização para iniciação nas Filhas de

Maria Auxiliadora, o ramo feminino da congregação salesiana, fundada por São João Bosco, e posteriormente por Santa Maria Mazzarello, em homenagem a São Francisco de Sales.

Mostrou-se indiferente à alegria da irmã, tomou um gole de café sem leite e olhou, pela janela, para a rua lá fora, como se tivesse interesse nas pessoas que seguiam apressadas para o trabalho. Fingia calma, pois sabia que Natália a observava e esperava apenas a hora certa para a discussão.

Sônia, a criada da família, fatiava um queijo diante da bancada. Pôs um prato na frente de Natália, que ignorou a comida, e instantaneamente direcionou o olhar à ponta da mesa, para fazer o anúncio.

– A Irmã responsável pela Pastoral ficou visivelmente encantada comigo. Mesmo sem ter completado dezoito anos, parece que me aceitará como candidata.

– Deve ser o destino.

– Destino, não. Chamado, sim. – rebateu.

– Não sei para quê. A ironia da resposta deixou a futura integrante da congregação irritada. Os olhos de Natália faiscaram.

– Acha que me atinge com suas piadas estúpidas? Não respeita a Pastoral?

– Zombo disso.

– A zombaria é como você substitui o diálogo?

– Acho que as duas coisas se completam: discussão com pitadas de ironia.

Natália ficou brava e decidiu atacar no ponto frágil, dizendo:

– Será que não percebe que se põe em risco com a vida que escolheu nesses últimos meses?

– O que faço não é da sua conta e nem de ninguém.

– Agora se ofendeu? Você nos envergonha.

– Você fantasia demais. Eu decidi ser artista.

Natália lançou um riso inosso, olhou para a criada, que estava quieta como se fosse parte do mobiliário, e floreou seus gestos seguintes, movendo as mãos no ar:

– Drag Queen? Isso lá é arte? Desde quando é certo um homem se vestir de mulher, fazer as sobrancelhas, crescer o cabelo, depilar-se e treinar a voz para parecer feminina? Aliás, me corrijo: para ficar com a voz semelhante a minha. De dois meses para cá, assumiu essa ridícula condição, cobrindo de vergonha nossa família. Por que não abandona essa casa e some de vez das nossas vidas?

Sônia murmurou do canto onde estava:

– Vocês têm mesmo muitas semelhanças... corpo, rosto... voz. A observação da empregada vibrou como um tapa. Natália enfureceu-se e gritou:

– Cale-se, Sônia! Cale-se ou não levarei sua filha comigo para a Pastoral. A palavra pastoral ribombou, até uma voz arrastada fazer ressurgir a realidade. Era a recepcionista do convento que aguardava sua assinatura nos documentos e requerimentos. Ela deixou ao lado o envelope, tocou levemente a medalha de Santa Catarina de Sena, e ficou a observar seus gestos.

Por alguma razão, a recém-chegada a imaginou despida, metida numa ridícula lingerie bege, tamanho grande, com os protuberantes seios sufocados e a cintura ajustada ao máximo pelo corset feito com barbatanas de aço reforçado, comprado em alguma loja coreana no centro de São Paulo. O canto de sua boca mexeu-se discretamente, quando a recepcionista começou a falar:

– Minha antecessora, – disse. – a Irmã Fabiana, conheceu você no encontro das nove inspetorias. – meneou a cabeça um instante. – Recorda-se? Foi aqui mesmo em São Paulo, no início de 2017. Você foi muito elogiada pela delegada mundial das ex-alunas das FMA.

“Figlie di Maria Ausiliatrice”, pensou. Sorte sua ter boa memória. Pouco se esforçou para repetir mentalmente o significado da sigla das Filhas de Maria Auxiliadora, com a mão apoiada no requerimento, sob o olhar da recepcionista, que prosseguia, toda falante, sem olhar para ela:

– Estive no evento, mas sem a mesma sorte da Irmã Fabiana, e vi você de longe, duas vezes – seus olhos brilharam. – Você toda esbelta debaixo dos holofotes e dos olhares da Madre Geral e das vigárias da Conferência. Hoje, me parece até mais enxuta. Ah, que eu seja perdoada por esse rasgo de inveja, mas digo sempre ao espelho: Suzane Braga, emagreça. Comigo um doce já produz uma tonelada. – sorriu. – Lá, auxiliei a Irmã Otília, Madre Geral de Pernambuco sem poder desgrudar dela nem por um minuto. Sorte de Fabiana, que assistiu a palestra, sentada ao seu lado. – baixou ligeiramente a cabeça para olhar o rosto da recém-chegada. – Amoris laetitia, a alegria da família Salesiana. Você foi fantástica!

A recepcionista não parecia mais querer parar de falar.

– Possivelmente foi maravilhoso passar três anos no Vaticano em estudo, não? Que recordações trouxe? Muito boas, certamente. E seu livro? É verdade que foi traduzido para o alemão e o polonês?

Suzane desviou o assunto para não parecer inconveniente.

– Normalmente as Irmãs visitadoras são alocadas nas celas, pois nossas acomodações são modestas. Seu caso é diferente. Ficará no alojamento com hospedagem especial. Seu aposento está conforme as recomendações da vigária geral, que teve de sair, mas avisou que retornará amanhã e fará a apresentação do convento. Não é todo dia que a Irmã Laura Boaventura recebe dessa forma as visitadoras da Missão de Agentes. Ela assentiu com o olhar preso no de Suzane. Depois, assinou os documentos e ajeitou o corpo. Sorriu discretamente, ainda sob os efeitos dos fragmentos do passado recente, prestes a tomar forma novamente.

– Irmã Natália, por ali ou pelo pátio, você chegará ao quarto dezoito. – disse Suzane, lacrando o envelope com os requerimentos assinados. – Dai-me almas e ficai com o resto. – completou, efusiva, com a medalha em punho.

Vagarosamente, olhou em volta. Seu rosto estava sério. Já esperava pelo lema das Irmãs Salesianas, e repetiu a frase para a recepcionista:

– Dai-me almas e ficai com o resto.

– Desculpe dizer isso, mas você tem um nariz muito lindo. – disse Suzane.

A referência ao nariz causou risadinhas. No fundo, sentia vontade de estrangulá-la. Por um momento, as duas permaneceram imóveis. Depois, virou-se para o corredor e observou o reflexo no espelho. Usava hábito, limpo e alinhado, como sua irmã bivitelina, de quem tomou o lugar, após

matá-la acidentalmente. Deu um passo à frente, pegou a mala de rodinhas e a mochila, e avançou, sob o entulho do remorso e o insuportável peso das expectativas, para assumir definitivamente a nova identidade e o novo destino.

CAPÍTULO 2

Um mês antes, Natanael Ritelli rogava para que o ano de 2019 terminasse e levasse todos os espectros que perturbaram a sua vida. Sabia que o país passava por um momento perigoso para pessoas como ele por causa da onda conservadora. Por isso mesmo, enquanto passava o demaquilante, percebeu que era chegado o tempo de caminhar devagar, olhar para os lados sempre, e, se possível, jamais se afastar do seu grupo.

Como de costume, desenvolveu o trabalho na boate na Lapa, e foi com as colegas Adriana e Fábria para a sede da associação localizada dois quarteirões após os arcos. Adriana era um caso antigo que dispensava comentários. Bonita, sorriso fácil e bemhumorada, era a companhia para toda hora. Seu corpo era atlético, cabelos bem cuidados e olhos claros. Era esperta e impetuosa. Fanática por exercícios físicos, passava todas as horas livres na academia. Já sua relação com Fábria era diferente., embora fosse apaixonada pelos dois irmãos dela: Pedro, de oito anos, que tinha paralisia infantil e era seu afilhado; e Menandro. de cinco, que era autista; dois garotos sossegados, que funcionavam como um contraponto ao agito de Fábria. No fundo, Natanael não se importaria se todas as pessoas do mundo morressem de repente, inclusive ele, com exceção de Pedro e Menandro, dois anjos para ele.

A associação LGBTQIA+ ocupava o primeiro andar num prédio comercial antigo, pouco iluminado e com muitas salas vazias. Jorge, o encarregado da portaria, estava grogue, sentado perto da escada. Natanael percebeu objetos quebrados e virou-se para a entrada. Diante dele, a figura do porteiro era como a de um morto-vivo.

– Vão embora – disse Jorge. – eles estão aqui.

– Eles quem?

Jorge não reagiu.

– Tem coisa errada – avisou Adriana, com os olhos nos degraus, onde cadeiras quebradas se misturavam com pedaços das roupas usadas nos eventos.

O porteiro franziu o rosto e contorceu o corpo.

– Precisam ir, fujam – disse.

Veio da rua o rumor que fez Natanael ir até a porta, bem a tempo de ver uns dez homens com roupas escuras e toucas sobre os rostos saltarem de um furgão e juntaramse na esquina, marchando para o prédio, com gritos provocativos:

“Morte aos gays! Vão todos para o inferno”.

Natanael espantou-se quando viu o sargento Silva no grupo, seu conhecido e assíduo frequentador da boate, um sujeito aparentemente tranquilo, irresistível, verdadeiro xodó das suas colegas, que ficaram tristes com o afastamento dele do quartel, acusado de envolvimento com milícias e supostamente denunciado por uma garota de programa.

Os gritos do lado de fora se multiplicaram:

“Quebrem tudo”.

“Matem”.

Um tijolo espatifou na porta de acesso. Fábria deu um salto e gritou. Adriana se escondeu atrás de um armário como se o móvel fosse uma muralha. Natanael olhou em volta e recuou, espreitando-se nos cantos, enquanto os agressores se aproximaram vibrando armas e cassetetes. Quem estava no primeiro andar desceu rapidamente e se agrupou na portaria, juntando-se a ele e suas amigas, já recuperadas do susto inicial e posicionadas ao seu lado, formando uma parede humana, para impedir a destruição da associação.

O sargento Silva atravessou a portaria com a face encolerizada. Hesitou por um momento ao cruzar o olhar com o de Natanael, mas depois avançou, pegou Jorge pelo braço e o arremessou sobre as cadeiras quebradas. Outros encapuzados surgiram distribuindo pancadas. Natanael percebeu que o pior logo aconteceria e decidiu ordenar a retirada, mas ninguém escutava sua voz e ninguém estava disposto a mais nada além de salvar a própria pele. A visão da morte quando os agressores sacaram as pistolas, foi o gatilho para o desmonte do paredão humano de defesa. Um disparo atingiu Jorge, que fugia no limite das forças. Após ele, Fábria e outras duas travestis foram alvejadas nas pernas e nas costas. Natanael apavorou-se. Era a tragédia anunciada que pedia ao universo para levar embora junto com o resto do ano. Por instinto, recuou até a porta, mas foi agarrado por trás por alguém que o chamou pelo nome como era conhecido na boate.

– Olha a minha puta que atende pelo nome de guerra Carla e que fica com a viadagem de falar todxs em vez de todas. Venha cá agora, Carla!

O sargento Silva pegou Natanael e o arrastou para o hall.

– Minha puta Carla – disse e puxou sua bunda, com a mão na genitália – Essa porra não é para mais ninguém, não é puta?

O sargento tentou carregar Natanael para o balcão, mas ele reagiu e com um golpe de navalha o desequilibrou. A drag levantou-se, pegou um banco e bateu na cabeça dele com força. Livre de Silva, e com a camisa manchada de sangue, olhou para a portaria e viu as colegas correndo perseguidas por encapuzados. Fugir lhe pareceu a melhor solução, mas sair dali com a arma de fogo, multiplicaria suas chances de sobrevivência. Tomou a pistola do desacordado sargento, e disparou na perna dele para imobilizá-lo. Em seguida, olhou para o lado, quando alguém gritou pedindo a polícia.

– A polícia está aqui. – avisou. – Todos esses caras são policiais.

– Ah, não! – exclamou Adriana.

– Avise às meninas. Cada uma para um canto – disse e correu após o estouro da luminária.

Alcançou um táxi e rumou para a zona rural de Petrópolis, com o coração dando saltos. Desceu na estrada um ponto antes, caminhando tropegamente pela estrada, e, com a mente transtornada, alcançou sua casa.

Atravessou a porta com os olhos espocados, o corpo suado e os pensamentos em polvorosa. Deixou a pistola junto do sofá, com a camisa manchada, foi à cozinha e encheu o copo com água da torneira. Deslizou para a cama como um robô defeituoso e deitou com as pernas abertas, sob o peso da frustração.

No dia seguinte, logo cedo, a campainha vibrou. Mal conseguira dormir. Chovia e trovejava. Estava de lingerie e cobriu-se com um jaleco amarelo. A mente ardia e piorou ao ver pela veneziana a pessoa que estava estática, do lado de fora, com mala, mochila, bolsa e a indefectível empáfia.

Parecia improvável, mas era ela. Natanael inflou o peito, alongou os braços e abriu a porta. Falou para a recém-chegada como se as palavras pronunciadas pesassem toneladas, soltassem faíscas e fossem torpedos:

– O que faz aqui?

Vestida com o rigor religioso e sem responder imediatamente, sua irmã Natália Ritelli enveredou-se porta adentro, colocou a mala de rodinhas ao lado da estante e olhou em volta. Ele ficou em silêncio com o olhar repousado na figura excêntrica, recordando a adolescência com ela. A conversão de Natália, para muitos, era cercada por questões não respondidas. Compenetrada, sorria pouco, ouvia muito, escrevia bem e falava o suficiente. Natanael se perguntava se era possível que, alguma vez na vida, ela tivesse encontrado prazer na companhia de outros mortais. Porém, descrevê-la como esnobe era fazer-lhe injustiça. Ela era uma observadora aguda da natureza humana, e poucas religiosas do seu tempo conheciam e defendiam tão bem o conservadorismo humano como ela.

– Você estava na Itália para participar de alguma coisa, sei lá, com o papa? Por quanto tempo permaneceu por lá? Não foi o que me contou nas últimas mensagens?

Natália cruzou os braços e disse bem devagar, para não parecer irônica:

– Deixou crescer os cabelos para ficar como os meus?

– Como posso saber como estão os seus, se ficam escondidos debaixo dessa coisa horrorosa, esse pano feio e fora de época?

– O mesmo Natanael de sempre: abobalhado, irônico e sem jeito. Essa coisa é o véu e faz parte do hábito. E não é um pano qualquer, é um tecido muito bem engomado, feito como um símbolo de reverência dentro da comunidade católica, para nos distinguir dos homens devotados, e representam a modéstia e a uniformidade.

– Quanto tempo a gente não se vê? Agora, surge do nada, entra sem ser convidada e quer ser recebida com flores? Nem ofereço uma cerveja, pois vai despejá-la no sofá.

Natália meneou o pescoço.

– Passei três anos na delegação no Vaticano, se isso lhe conforta.

– Puxando o saco do papa, querida? Na sacristia por acaso?

Ela arqueou as sobrancelhas e disse rindo:

– Ora, sua voz agora está com um timbre semelhante ao meu, exceto pelo sotaque. Sugiro que treine isenção vocal, vai soar melhor e convencer muito mais gente.

– Que porra está dizendo? O que quer de mim?

– Você é o que restou da minha família, Natanael.

– Agora sou da família? Quanta hipocrisia.

Natália colocou as mãos na cintura e foi direta:

– Tenho câncer, irrecuperável. Compreende? Metástase profunda. Minha vida está no fim. Estou com pouco tempo e muito a fazer e lhe ensinar.

– Que câncer? Você nunca falou nada sobre isso.

Natália abriu a bolsa, retirou um envelope, um pendrive e um celular, olhou em volta e foi ao sofá. Limpou-o com as mãos antes de sentar. Ficou quieta, coçou o pescoço e retirou o véu, revelando a cabeleira.

– Vim para nos redimirmos dos pecados e lhe fazer um pedido. Talvez o último.

Natanael com os olhos grudados na cabeleira da irmã, parecia não escutá-la. Os cabelos, compridos como os seus, inclusive na cor. Quase não conseguia acreditar em quanto ela era atraente, mirando sua silhueta no espelho da parede. O que o fascinava não eram os cabelos encaracolados ou seus olhos esverdeados, mas sim a atitude de quem não ligava para o que os outros pensavam. Natália seguiu pela vida que escolheu, assim como ele. Tinham mais semelhanças do que as desavenças da adolescência indicavam. Repentinamente se deu conta de que por toda a vida copiou a irmã, para ser externamente igual a ela. Esculpiu o corpo, deixou crescer os cabelos, operou o pomo de adão, hormonizou-se sempre com ela como referência. Plagiou-a em tudo, exceto na maneira de pensar, de ser e agir, e isso o aliviava.

Natália Ritelli juntou as mãos e recomeçou:

– Existe uma fábula antiga sobre quatro velas – ela disse. – Elas queimavam e diminuía lentamente sobre um móvel, numa sala sem ninguém. Suas chamas estavam fracas, e a luz que produziam não era muito intensa, embora clareasse o lugar. Então, a primeira delas olhou para as outras e decidiu conversar. Olá, ela disse, eu sou a paz. As pessoas não estão preocupadas em me manter, portanto, nada me resta a fazer a não ser me extinguir. E ela assim procedeu, apagando-se. A segunda vela, por sua vez, também se apresentou, e disse que seu nome era fé. Afirmou que dia após dia as pessoas estavam se apegando cada vez menos a ela. Dito isso, triste e pálida, assim que uma brisa soprou, ela também se apagou.

– Onde você quer chegar? Atravessou o mundo para vir me ninar com fábulas?

Ela não lhe deu atenção e continuou:

– Foi a vez da terceira vela se manifestar. Ela sentia-se desolada e disse que era o amor e que se sentia sem importância, porque as pessoas viviam dizendo que não acreditavam mais nela e achavam que só existia em filmes de romance. Falou isso e se apagou sem vida. Nesse momento, passos foram ouvidos e um garoto entrou na sala. Assustado com as três velas apagadas, ele perguntou para a última delas qual era a razão para aquilo, e disse que as pessoas precisavam delas para não ficarem na escuridão e na solidão. Então, a quarta vela falou. Pediu calma e disse que enquanto estivesse acesa, seria possível trazer luz para este mundo, e disse ao garoto que ela era a esperança, e que ele podia usá-la para reacender as outras. Ele fez isso e reacendeu as chamas da paz, da fé e do amor. E todas juntas fizeram o garoto sorrir.

Natália olhou para ele, que estava quieto.

– Conte-lhe essa fábula para que compreenda o que vim fazer aqui. Tenho um pedido, uma súplica. Talvez a última, antes de morrer. Ajude-me e aliviará a dor que essa doença provoca, e apascentará o remorso dos nossos antigos erros. Meus e seus. Você sabe a que me refiro. O grande equívoco que cometemos juntos. O pecado que somente meu casamento com Cristo amenizou, e que prestarei contas quando partir.

– O que você quer?

– Precisamos encontrar nosso filho. – ela disse, sem mais rodeios.

– O quê? Não venha com isso novamente.

– Não finja que esqueceu. Ao resultado da desventura que tivemos, na única vez em que fui mundana, eu dei o nome de Marcos, embora não saiba exatamente qual o nome que tem atualmente. Os anos passaram e fiz o possível para esquecer o meu maior pecado. – ela sacudiu a cabeça – Existem coisas que sempre voltam feito bumerangue. Fugi disso por anos, até que a chegada da morte me fez voltar à razão. E aqui estou, diante de você, a implorar que me ajude a encontrarmos o nosso filho.

O ataque à associação ainda agitava seus pensamentos, mas agora eram irrelevantes para Natanael, diante dessa bomba atômica.

– Você quer dizer que a criança nasceu? Por que mentiu para mim? Disse que não estava grávida. Jurou comigo que ninguém saberia e garantiu que não pegou barriga. Como isso aconteceu? Isso estava no passado e você vem agora sacudir esse esqueleto?

Ela não respondeu, levantou a vista e disse:

– Tome. – entregou-lhe o envelope e os objetos, além de um laptop retirado da mochila de braço. – Tem uma carta bem longa minha aí dentro. Quero que leia e siga as instruções. Também retirará suas dúvidas e lhe mostrará a sua tarefa. Isso mudará sua vida. Você terá que assumir a minha vida, acho até que para sempre.

– Não tenho interesse em mudar nada em mim. E não posso ajudar nem quero ajudar.

Ele empacou e olhou bem para ela:

– Assumir a sua vida? Para sempre? Que quer dizer com isso?

– Exatamente o que você entendeu.

– Eu não entendi nada.

– Ô asno, fui bem clara: você assumirá a minha vida. Natanael vai desaparecer, sei lá, você dirá a quem perguntar que ele se embrenhou no interior do país ou mudou daqui para outro continente, porque você será Natália Ritelli. Terá que ser assim, para que sua tarefa seja exitosa. Viverá como eu. Frequentará os meus ambientes. Se vestirá como eu me visto. Eu lhe ensinarei como deve portar-se. O dinheiro que tenho será todo seu. Ninguém desconfiará. De nada, absolutamente. Especialmente após a minha morte, que será reservada. Foi por isso que vim para cá. Aqui, onde agora você vive, eu viverei meus últimos dias. No final, você me enterrará discretamente, talvez no seu quintal, tomando os cuidados devidos, e depois se transformará na Irmã Natália Ritelli. Irá para São Paulo, e entrará no convento salesiano como Visitadora. Eu explico todos os detalhes no material que lhe confio. Será assim, irmão. Eu lhe imploro.

– Você enlouqueceu.

– Estou bem consciente. Olhe aqui – mostrou-lhe a bolsa – esse valor em espécie é para que possa iniciar a missão. E aqui está o endereço do convento e neste papel algumas instruções de como vestir-se, o que deve falar, algumas frases feitas, e gestos diários, para não levantar suspeitas até poder abrir o restante do material e aprender tudo o que não sabe sobre o meu meio e – ela fez uma pausa – sobre mim, principalmente.

– Isso é crime. Ainda que eu aceitasse esse absurdo, seria responsabilizado por seu desaparecimento, caso alguém descobrisse.

– Não descobrirão.

– Você perdeu a noção, só pode ser.

– Não existe outro jeito.

– E eu com isso? O problema é seu, não meu.

– A minha doença não lhe comove?

– Claro que sim. Mas, isso é loucura.

– Não, não é loucura. É meu derradeiro pedido.

Ele olhou para o rolo de dinheiro que a bolsa exibia.

– Quanto tem aí?

– Muito mais do que você ganharia em seis meses de prostituição no cabaré.

– Boate, querida. Trabalho sim, prostituição não.

Ela endossou e disse:

– Eu sei. Desculpe, não quero mais ofender.

– Enfim, um lapso de humildade.

Ele mesmo fechou a bolsa dela.

– Não tenho interesse em seu dinheiro.

– Disso não tenho dúvida alguma. Meus dados bancários estão todos aí, disponíveis para você. Sempre movimentei pela internet, e estou certa que ninguém duvidará que você é a própria Natália Ritelli, caso precise ir em bancos.

– Isso não é certo... eu não posso assumir sua vida. Eu tenho a minha, compreende? Você quer me anular.

– Olha, escute bem: depois que tudo se resolver, você poderá voltar a ser quem é.

– Que confusão... uma hora quer que eu diga que eu, Natanael, resolvi sumir; outra hora, quer que eu diga que você sumiu, não é isso?

– Diferente. Nessa hipótese, dirá que soube que eu morri por causa do câncer e que não sabe onde fui enterrada, caso lhe perguntem. E, como prova de que tudo foi ideia minha, você poderá mostrar o material que trouxe e que deixo com você. Não há riscos. Estou no fim. E você não vai recusar o meu pleito. Eu sei que não. E você sabe também.

Ela coçou a ponta do nariz, ficou um instante em silêncio e depois continuou:

– Algo me diz que não desejará mais voltar a ser Natanael, após a missão. Você sempre quis ser eu, irmão. Essa é a sua oportunidade. O que fará com a minha vida, o meu nome, a minha reputação e o meu dinheiro, depois da minha morte? Uma incógnita, que talvez somente o Sagrado Coração possa responder.

– Não perde a arrogância nem com o pé na cova.

– Eu preciso de você, Natanael. Nosso filho muito mais. Esqueceu o que aconteceu? Eliminou o nosso pecado das recordações por causa da vida que tem? Eu vejo você, irmão. Sei muito sobre você. Suas iniciativas, suas lutas pelos direitos das pessoas iguais a você. Creia: são batalhas inglórias nesses tempos.

Natanael suspirou. O passado estava ali, diante dele, vestido de freira. Foi numa tarde. Estavam sozinhos e a casa não tinha energia elétrica por conta da tempestade da noite anterior. Natália havia descoberto calcinhas na maleta que ele escondia debaixo da cama, e sorria ameaçando espalhar a novidade.

– Bem que dei pela falta dessa – disse, sacudindo uma calcinha rosa. – Vamos combinar uma coisa? Eu não conto nada a ninguém, mas eu quero que você me beije.

– Ficou maluca?

– De tesão, porra... doida para saber como é beijar um homem... e você está aqui, disponível... é meu irmão, é homem... quer dizer, meio homem, né? E, cá pra nós, eu sempre desconfiei... tem medo de mulher... transpira quando uma garota lhe pega a mão, e afina a voz quando passa perto de rapazes... não se alimenta direito para não engordar e vive lendo revistas femininas... devia ter vergonha disso, safado. Mas, bicha ou não, eu quero que me beije.

Ela o apertou contra a cama e caiu sobre ele. Depois do beijo, Natália foi tomada pelo desejo e fez sexo oral, mantendo-o sob controle, com as pernas abertas sobre os braços dele. Tirou a calcinha e colocou a mão na boca de Natanael. No minuto seguinte, ela montou nele e o cavalgou, aproveitando a rigidez do pênis. A penetração provocou um gemido, misto de dor e prazer. A partir daí, não houve ruídos fortes, somente sons abafados, suave ranger da cama e espasmos de gozo, quando ele ejaculou. Relação rápida, breve, todavia, definitiva. Jazia ali a virgindade dos irmãos.

Dois meses depois, ele daria os primeiros passos como transformista, seguindo para o Rio de Janeiro, enquanto ela, arrependida e disposta a não permitir que a família descobrisse o incesto, seguiria para a Pastoral, de onde rumaria para a conversão às regras salesianas.

A realidade agora era outra, e estava diante dele, como antes, como sempre, feito a capitã da turma, a líder do grupo, a comandante do exército de um homem só, frágil e sem condições de reagir, da mesma forma quando os dois se desvirginaram. Mas, dessa vez, existia um diferencial. Ela não mandava, ela pedia.

Natália juntou as mãos antes de continuar:

– Por favor, ajude-me a encontrá-lo. Aceite essa missão.

– Não quero saber. Ele é seu filho, não meu.

– Essa amnésia proposital persiste após tantos anos? Nossos pais nunca souberam do acontecido, pelo que dou graças a Deus. Aquilo, no final, me levou ao encontro com o Sagrado Coração de Cristo. Eu era mundana, não como você, mas cedi aos desejos, pelas dúvidas que governavam nossas mentes. Trocaram olhares tão intensos e secretos, que palavra alguma substituiria o turbilhão de pensamentos que irradiavam. Em seguida, Natália falou bem devagar.

– Começamos juntos, e assim nós estaremos até o final, irmão.

– Eu não posso fazer nada por ele e muito menos por você.

Ela lançou um olhar esfíngico. Ele não a encarou.

– Chega, Natália. Pegue suas coisas e parta, por favor – murmurou.

O rosto dela corou.

– Preciso de você, entenda isso. Marcos nasceu durante meu noviciado. Minhas irmãs e a vigária honraram o voto de silêncio e por isso nossos pais não souberam. Tudo agora mudou. Será que não compreende, Natanael?

– Por que não abortou?

Ela contrariou-se. Pensou em esbravejar; mas, condescendeu em seguida:

– Jamais faria isso.

Ficaram quietos. Natália alisou a face dele com delicadeza. Ele a fitou por um longo minuto e depois perguntou:

– Como ele está?

– Pergunta errada, irmão. Onde ele está, seria a correta.

– Não compreendo. O que pretende?

– Encontrará as respostas na carta e no pendrive.

– Por que não resolveu sozinha? Você tem influência. Tem dinheiro. Até onde sei, é muito conhecida e poderosa entre os católicos.

Ela se desencantou.

– Preciso repetir que estou à beira da morte?

– Agora que adoeceu, aparece puritana para minimizar os pecados.

Natália estava para responder, mas notou um brilho ao lado do sofá, e viu roupas sujas de sangue.

– O que significa isso, Natanael?

Ele se assustou. Era a pistola do sargento Silva.

– Está envolvido com criminosos?

Ela empunhou a arma, com a face transfigurada.

– Você é mesmo uma vergonha.

Ele foi até ela, que recuou.

– Aparte-se de mim. – disse. – Ah, não. – sua voz soou inflexível. – Além de tudo você se tornou um criminoso? Que mais tem aqui? Drogas? Estremeceu e ficou ainda mais furiosa. Ela retrocedeu de costas, enquanto Natanael negava as acusações. Ele a envolveu com os braços num gesto veloz para tomar-lhe a arma. Natália titubeou, tropeçou e caiu sobre a pistola, que disparou. O sangue esguichou no rosto dele. Ele tomou-lhe a pulsação, encheu-se de arrependimento e chorou.

– Natália!

As mãos dela enviscaram. Ele a apertou com força. O corpo dela amoleceu, amparado nos seus braços. A face clara perdeu a cor, enquanto o sangue escorria da boca manchando a túnica.

– Natália...

– Encontre...ele... nosso... filho... nosso... Marcos. Os olhos dela enrijeceram, seus lábios tremeram e o pescoço pendeu. Natanael encurvou-se sobre seu corpo e chorou. Muito. Como nunca antes em toda a vida.

CAPÍTULO 3

Algumas semanas depois, Natanael Ritelli estava com Adriana na estação rodoviária de Petrópolis, ao norte da zona urbana. O prédio, pouco conservado, em estilo renascentista, parecia um palácio francês. Ele portava a passagem para São Paulo e caminhava devagar e com ar entristecido, ao lado da colega de boate.

Havia pouca gente naquele horário, perto do meio-dia. Duas dúzias de estudantes marchavam, em filas, na direção de um veículo com estampas coloridas, estacionado na faixa reservada para carros particulares. Os dois instrutores agiam como militares, embora não estivessem fardados como tais, por causa da disciplina exigida, aos gritos e gestos ríspidos, dos rapazes e garotas, devidamente separados.

Como chegaram cedo, ele e Adriana sentaram num dos cafés para esperar o ônibus. Adriana não parecia contente, embora se esforçasse para transparecer normalidade. Em quase um ano na boate Reflexus, no grupo de transformistas, aprendera muita coisa com ele, tanto sobre como se vestir quanto como se maquiar e dançar no palco. Agora queria voltar para casa, contar aos outros o que aconteceu na associação, falar sobre os mortos, os feridos, explicar sobre o sumiço de Natanael.

Adriana se sentia estranhamente culpada por deixá-lo partir. Sabia que ele, a quem insistia chamar por Natanael, em vez de Carla, o nome de batismo na boate Reflexus, partiria para um lugar governado por regras como um universo saído da Idade Média, onde seria um assombro usar brincos grandes ou retocar o batom. Adriana suspirou e pensou que talvez fosse um local não tão ruim, pois não haveria criminosos vestidos de preto e com capuz.

– Recebi um telegrama dela dias antes avisando que viria. – disse Natanael. – Estava enfiado entre os boletos.

– Você não teve culpa. Foi um acidente.

– Devia ter ligado para a polícia.

– Para ser preso? Qual policial daria crédito a você? Não vale dizer que fariam perícia, tomariam testemunhos e coisas assim. Esqueça. Se entrasse na delegacia, você não sairia mais.

– Eu sei. Mas, já passaram semanas.

– Desde que cheguei você não tem outro assunto; fica feito um robô repetindo: matei minha irmã, matei minha irmã. Que chato. Encontrei você sem cor, lívido, jogado na cama, com o corpo da irmã na sala. O que devia lhe recomendar? Ir na polícia? Repito: não sairíamos de lá.

Natanael olhou para a amiga e apertou seu braço. Não existia mais ninguém no mundo a quem pudesse confiar e esperar apoio.

– Você acha que alguém pode descobrir?

Adriana amiudou o olhar para sussurrar:

– A vizinhança fica distante. Além disso trovejava e chovia. Fique em paz. Há semanas, Natália Ritelli repousa em segurança no quintal da sua casa.

– Casa que você tomará conta, certo?

– Claro que sim. E não permitirei que ninguém desconfie de que ali está o túmulo dela.

Natanael coçou os olhos e lembrou da irmã. Ele hesitou se devia reabrir essas memórias, se deveria manter aquele triste momento fúnebre no passado ou se seria melhor esquecer o rosto sem vida e descolorido dela. Natália merecia mais, tinha direito a viver. Toda a fama e toda a gana que usava para defender seu ideário conservador estavam soterradas com ela. Adriana o ajudou a enrolar o corpo com cobertores e a colocá-lo na cova no quintal. Ele seria capaz de dizer quantas pás de terra foram usadas pela amiga e quantos minutos levaram para esconder a tragédia. Parecia estranho, mas sentia naquele momento a presença de Natália, muito mais do que antes.

– Espero que você fique bem. – olhou para a amiga e segurou seu braço com força. – Enviarei mais dinheiro do jeito que combinamos, para não levantar suspeitas. Não quero que retorne para a boate e nem para a associação até as coisas acalmarem.

– Sim.

– Não quero que corra riscos. – insistiu Natanael. – Cuide-se.

– O dinheiro não lhe fará falta?

– Natália trouxe bastante e a carta diz como fazer para conseguir mais, se for preciso.

Suas mãos se suavizaram quando recuou o corpo escondido sob as novas vestes.

– Sabe como me chamará em público a partir de agora. – disse.

Adriana assentiu com a cabeça. Natanael continuou:

– Ela dedicou a vida inteira, para tornar esse mundo um lugar de acordo com a visão que tinha. Não vai ser por minha causa que esse trabalho cessará, pelo menos até que eu cumpra a palavra que dei junto ao seu corpo. Não descansarei até encontrar Marcos e fazer as outras coisas que ela solicitou. Você leu a carta comigo. Sabe que eu não podia tomar outra decisão.

– Você não tem obrigação de fazer isso.

– Tenho. Tenho sim. E farei. Não vejo a hora de chegar ao convento e acessar os arquivos de áudios e vídeos deixados por ela.

– Por favor, não se torne como ela, conservadora, reacionária, perseguindo gente como nós. – ela começou a chorar. – Carla, desculpe, Natanael. Vivo sob os pesadelos daqueles homens encapuzados batendo e atirando. Aquilo foi horrível. O que será de nós?

– Não fique assim, preciso de você firme, me apoiando. O que aconteceu na associação, ocorre todos os dias, em toda parte. Sonho com um mundo bem diferente. Quem sabe essa experiência no convento me apresente chances de alterar um pouco essa história terrível?

– Como será no convento? Imagino mil coisas...

– Não sei. Deve ter regras, mulheres silenciosas e frases prontas. Desde o dia do acidente, todas as noites, eu leio e releio a carta, e tudo aponta para que me prepare para isso. Natália deixou tudo bem explicado; orientou-me como fazer, como agir, como caminhar, como mover minhas mãos e minha cabeça, o que dizer ou não dizer, enfim. Ela planejou isso por meses. Agora é comigo.

– Você fala inglês, espanhol e italiano. É uma das pessoas mais cultas que conheço. Lê tudo, tem curiosidade excessiva.

– Graças ao trabalho.

– Como diz o ditado: o trabalho crucifica o homem.

– Acho que seria dignifica...

– Seja como for. Temos nossas vantagens. Lembra-se do que aprontamos em Lisboa com os guardas do serviço de estrangeiros?

Ele esboçou um riso, com a mente ligada no labirinto de trincheiras formado pelos múltiplos pensamentos. Havia desenvolvido um estilo próprio para enfrentar as situações. Expressava-se de forma simples e incisiva, talento herdado do pai advogado. Contudo, vivia cada dia como se fosse o último, estilo absorvido da mãe, filha única que precisou ganhar a vida por si mesma. A pessoa que se tornou, permitia que Natanael não se intimidasse com facilidades nem sucumbisse ante as dificuldades.

Olhou para Adriana e recordou o passado. Foi magnética sua atração por ela, desde o dia em que Adriana atravessou a porta da Boate, carregando mochilas, sem dinheiro no bolso e com a face arroxeadada. Adriana a cumprimentou com um aperto de mão e suplicou ajuda. Naquela época, na Reflexus, havia uma área de recepção, com uma mulher de meia-idade sentada atrás de uma escrivaninha. Ela pareceu assustada ao ver tanta gente e contou ter sido espancada pela própria mãe, insatisfeita com a vida que Adriana levava. Na luta pela igualdade, pensou Natanael, às vezes era preciso combater não apenas homens, mas as mulheres também.

Natanael estava a meio caminho de emocionar-se.

– Ficaré tudo bem no convento. – disse Adriana.

– Tentarei não ser artificial.

– Disso não tenho dúvidas, você era a melhor das nossas atrizes.

Adriana esperou um instante e acrescentou:

– Não compreendi bem a razão da mudança de sua irmã para São Paulo.

Natanael soluçou e olhou para o lado em que os ônibus estacionavam.

– Pelo que entendi foi por causa das novas atribuições das missões de agentes. Parece ter a ver com alguma decisão do Vaticano.

– Tempo terá de sobra para descobrir, Carla ou melhor Natanael ou como devo lhe chamar agora: Natália. Ah, que merda, você sempre foi a tampa da minha panela, linda. Natanael certificou-se de ter colocado o pendrive e o celular no bolso interno do colete.

– É, terei – disse.

Tocou no braço da amiga antes de prosseguir:

– Esqueça o meu passado, lembre-se definitivamente: eu sou Natália Ritelli, a partir de agora.

Adriana, então, lhe disse algo quase que da mesma forma que sua irmã diria:

– Acho que você sempre foi ela, sempre quis ser ela.

– Não é bem assim...

Adriana continuou:

– Você é a cara dela. Parece impossível distinguir. Normalmente gêmeos bivitelinos são pessoas diferentes fisicamente, mas é incrível como são muito iguais. Quer dizer, eram. Deus a tenha, tadinha. Altura, corpo, cabelo. Os rostos, então, idênticos, depois que você mudou o nariz e o queixo, então... nossa!

– Não esqueça: eu sou Natália Ritelli – repetiu.

– Não esquecerei.

Adriana fez um trejeito e colocou as mãos nos ombros dele.

– Fico pensando como tudo parece ter relação com o destino. – disse.

Natanael assombrou o rosto. O vai e vem de recordações ainda o perturbava.

– Eu vou tentar, mas não sei se conseguirei. – disse. – Como ficarei longe da minha vida, longe de você, de todxs, da boate, abandonando a associação, nossas lutas?

Inspirou profundamente antes de prosseguir:

– Nem fui aos enterros.

– Perdemos meninas lindas, além de Jorge.

– O que dirão de mim? Que fugi?

– Direi que foi para a Bahia até as coisas acalmarem. Você não residiu lá um tempo? A galera vai acreditar, não se preocupe. A Bahia é gigante, e com homens queimados do sol, jogando capoeira na beira do rio São Francisco em Salvador... show!

– Salvador fica bem longe do rio São Francisco, era assim até ontem, na geografia...

– Mesmo? Verdade? Menina, eu jurava que era pertinho, e que banhava a cidade.

Sorriram, e depois voltaram ao assunto

– E a associação?

– Prosseguirá, com ou sem você.

Adriana tentou ser razoável:

– Acho que faria o mesmo, linda. Nesse país onde a homofobia é moda, vai ser incrível imaginar você metida num convento.

Adriana refletiu novamente e disse:

– Se a vontade apertar vem rever a gente, brincar, dançar, ser feliz, ser você.

Fez outra pausa, olhou para os lados e murmurou:

– Venha vestida assim. Fica sexy e sua bunda fica mais sensual.

Adriana riu com a mão sobre a boca, e depois perguntou:

– Como será quando for trocar as roupas no vestiário das freiras?

Natanael era bem mais feminina que suas colegas. Seu processo de readaptação de gênero estava avançado. Ele tomava regularmente os hormônios; tinha feito intervenções cirúrgicas no pescoço e no rosto, mantinha o corpo no peso ideal e cuidava dos cabelos, mantendo-os sempre

longos e cacheados. Seus silicones redondos e pequenos, sem cicatrizes visíveis, completavam a bela silhueta.

– Você tem a mente suja, sei muito bem no que está pensando – esboçou um riso. – Mas não se preocupe, ela era muito respeitada na Igreja, com livros publicados, assídua no Vaticano e bem relacionada. Aposto que terei conforto; talvez um quarto só meu, quem sabe um veículo. – respondeu, pensando na mala, na bolsa e na mochila de mão.

Adriana pensou um pouco.

– Bom isso. Tomara que consiga algumas cervejas, chocolates e pipoca também.

– Só você para me fazer rir.

Adriana a abraçou.

– Santas as mãos que produziram nossas calcinhas esconde pinto – brincou.

– Concordo totalmente.

– Aproveite e indique o fornecedor para elas.

– Não brinque.

– Sabe Deus o que deve rolar num convento.

– Nem quero saber.

– Devassidão? Freiras que transam em grupo? Vibradores gigantes?

– Não são freiras, são irmãs.

Adriana refletiu um instante.

– Na verdade, dá no mesmo. Freira é o feminino de frei.

– Frei significa o quê?

– Irmão, óbvio. Cresci numa família tremendamente católica.

– Com uma irmã radicalmente conservadora.

– É. Mas as salesianas se tratam por irmãs.

– Ora, que bom. Irmãs se conhecem bem e tudo fica nas quatro paredes, inclusive as sacanagens.

– Caramba, você é irrecuperável.

– Quando eu chegar no inferno, o capeta vai dizer para mim: alto lá, aqui está cheio demais, e se pique. Vou para o Céu por excesso de contingente.

– Não duvido. Você só não virou santa ainda, porque o papa não sabe onde foi parar a porra do decreto com sua beatificação.

Sorriram novamente e abraçaram-se com energia.

– Faça qualquer coisa para você mudar essa cara triste.

– Felizmente conseguiu, meu anjo.

Adriana girou o corpo.

– Ajeite as abas. Foi sorte a sua irmã ter trazido roupas de reserva. Que horrível esses panos na cabeça, não esquentam?

– Não.

– Que seja.

– Vêu. Nada de chamar de panos. Ela detestava quando eu dizia isso.

Adriana riu e lhe deu um beijo.

– Muito sexy mesmo. Não rebole, ouviu? Senão será atacada ao entrar no convento.

– Não fantasie.

– Fantasiando? Tenho certeza que ali dentro não tem santa alguma.

– Meu Deus... se minha irmã ouvisse isso...

– Ai, ai, viu.

Ouviu-se um apito alongado. Era o ônibus. Adriana olhou para o relógio.

– Ai, meu Deus! Vai perder o transporte do horário. – disse.

Abraçaram-se afetuosamente.

– Jamais esqueça: estou com você. E eu não esqueço mais: Irmã Natália Ritelli.

Tornaram a se abraçar na porta do veículo. Adriana recuou e mordiscou os lábios, num gesto que funcionava como código. Puxando o hábito com cuidado, Natanael subiu os degraus do veículo. A recepção foi agradável. Ao vê-la, o motorista tomou-lhe a mala com educação e colocou-a no bagageiro. Um passageiro cedeu o lugar. Então, se debruçou na janela, enquanto o ônibus deixava a estação. Seu coração estava disparado.

Em pé na plataforma, Adriana acenava com os braços bem abertos e para o alto, até ficar cada vez menor e sumir de vista.

CAPÍTULO 4

Certamente era o mais abafado entardecer do ano. Por isso a Irmã Natália Ritelli fechou a porta atrás de si, ligou o ventilador, sentou na cama, com um gosto amargo na boca, louca para tomar um banho, soltar os cabelos e ficar sem roupas, jogada sobre o colchão. A viagem de Petrópolis para São Paulo foi carregada de lembranças e incertezas. Suas amigas mortas, a associação destruída, o passado abandonado e a tragédia familiar. A face serena da irmã, durante o enterro feito com a ajuda de Adriana, mantinha-se permanente no pensamento. Ainda sentia a terra sob os pés, junto da cova, que foi recoberta com mudas de capim e objetos. Colocou as mãos na cabeça e sentiu o vazio tomar cada parte dela. Moveu o pescoço várias vezes. Massageou os músculos das pernas. Nada sufocava a angústia. As paredes em volta ampliavam a sensação. O silêncio não acalmava, ao contrário, multiplicava a estafa psicológica. Olhou para cima, e ficou quieta com as vistas no ventilador de teto. Havia um banco, uma penteadeira com espelho redondo, um par de cadeiras, uma mesa pequena, além da cama, do armário e do criado-mudo no aposento. Não faria, seria ultrapassar o limite da sanidade, mas estava próxima de desistir.

“Isso não está certo”, pensou.

Levantou-se e foi à janela, que estava fechada. Limpou as lágrimas. A boca cada vez mais seca. Precisava respirar. Havia trincos internos com chaves penduradas numa argola. Ela abriu, cerrou as pálpebras e permitiu-se sentir o frescor do horário. Ficou assim por um tempo. Ao reabrir os olhos, avistou um cômodo, amplo como uma garagem, cercado de árvores e postes de iluminação, cujas luzes, conforme depois soube, dispunham de dispositivos para acendimento automático, no pôr do sol.

Fazia calor mesmo com a brisa, e um estranho cheiro chamou sua atenção. Não sabia se era algo que cozinhasse, mas o aroma diferente pairava no ar. No meio do espaço, próximo da zona descampada, havia uma caixa de aço grande postada sobre um lugar grande o suficiente para comportar mais de um carro. Um toldo de metal saía do topo da caixa e atravessava o telhado. Natália compreendeu estar a olhar para um forno.

Dois homens uniformizados, os primeiros vistos até então, tiraram um saco comprido de cima de um carrinho e o transferiram para uma esteira rolante de aço. Logo surgiu uma caixa retangular de madeira de dentro do invólucro. O mais alto apertou um botão na parede. A esteira se movimentou, uma portinhola abriu, e o que ela suspeitava ser o cadáver, entrou no forno. Puseram mais outro retirado de outro caixão sobre a mesma esteira. Natália já tinha visto o suficiente; para ela existia algo de estranho e frustrante em ver cadáveres. Não que corpos inertes tivessem alguma vez lhe incomodado, não, longe disso, o que incomodava era imaginar despertar todas as manhãs e olhar para algo como aquilo. A Irmã Laura Boaventura, vigária do convento, lhe reservara um aposento com vista especial: o crematório. Nem desconfiava que conventos tivessem crematórios. Muito menos imaginava se eram religiosas ou não as pessoas que estavam nos caixões levados à fomalha. Ainda assim, após fechar a janela, deduziu que, se aquele era o quarto vip anunciado pela Irmã Suzane na sua recepção, quais outras regalias teria. Lembrou-se do trecho da carta, onde sua irmã pedia para falar pouco, ouvir muito e desconfiar de todos. Então, ela olhou em volta e procurou a entrada para a tomada do laptop.

Desconfiada, mordiscou os lábios por causa de um súbito pensamento. Haveria câmeras escondidas? Gravadores ocultos? Vasculhou atrás dos móveis, por cima do armário e debaixo do criado-mudo, levantou os tapetes e o colchão. Nem as fronthas escaparam à revista. Foi até o banheiro. Lá dentro, ecoava o caos organizado, com uma sensação de nervosismo e tensão. Virou os sacos e as caixas, passou as mãos por trás dos espelhos e perto das luminárias, remexeu nas gavetas do armário e no chuveiro. Nada.

Voltou ao quarto. Abriu a portinhola e espiou o corredor. Ninguém. Fechou bem a porta. Então, teve uma ideia. Agachou-se no assoalho de madeira e procurou saliências. Encontrou uma tira de madeira folgada debaixo da cama. Retirou-a e colocou, no espaço entre ela e o piso, as chaves da mala e da mochila. Sorriu, tinha encontrado um relativo esconderijo para a eventualidade de não poder levar as chaves consigo.

Ligou o laptop e deu um tapa na testa: a internet. Pegou o interfone e discou o número nove. Estava num convento com quartos que lembravam os de um hotel, não fosse, claro, pelo entra e sai de defuntos no crematório, o cheiro que o forno exalava e a ausência de um frigobar repleto de guloseimas e bebidas.

A Irmã Suzane atendeu.

– No que posso ajudar?

Pensou em pedir um quarto com vistas para o lago próximo da estrada, cervejas, pacotes de batata frita, cigarros e chocolates, depois tirou isso da cabeça. Talvez a Vigária mandasse os alimentos com prazos de validade vencidos, cigarros elétricos e cervejas chocas.

– Preciso da senha para acessar a internet.

– Está sentada?

– Sim. – respondeu sem entender a pergunta.

– Olhe a parede.

– Qual parede?

– A da mesinha do telefone, lógico.

O “lógico” lhe soou irônico.

– Pronto.

– O que vê?

– Papel parede.

– Olhe para as mãos da Virgem. Ela olhou. Enxergou alguns caracteres e números que escorriam como estrelas. Seria mais razoável fornecer a senha anotada num papel ou presa no chaveiro, deduziu.

– Obrigada.

– Por nada... ah, Irmã Natália.

– Sim.

– A vigária não vai recebê-la amanhã. Será representada por sua auxiliar, a Irmã Verônica.

Natália virou-se para a janela.

– Ah, bom.

– Outra coisa: sua janta será levada no quarto, mas nos dias seguintes as refeições serão no refeitório ou no salão de alimentação do conselho.

– Certo.

– Por causa da sua posição.

Natália inspirou.

– Terá total liberdade de circulação, exceto aos aposentos marcados de amarelo no manual de instruções para as Irmãs visitadoras. Veja a cabeceira da cama. – disse Suzane.

Ela viu um livro pequeno e grosso.

– Muito bem.

– Mais uma coisinha: você poderá escolher três tipos de alimentos. Procure no cardápio, na gaveta do criado-mudo.

– Obrigada novamente. Outras recomendações?

– Um aviso: a enfermaria está em reforma.

– Não vim para ser internada.

– Sim, sei. Mas caso corte um dedo ou se machuque, será atendida no seu quarto.

A recepcionista emendou:

– Desculpe pela vista do crematório. Como expliquei, você não precisaria ser hospedada nas celas e nem na ala das noviças. Mas como dispomos de poucos aposentos para alguém da sua posição, esse era o melhor, com banheiro reservado, armário e ventilador.

Natália esfregou o rosto.

– Era o mais indicado quarto livre no momento. – disse a recepcionista.

– O crematório? Oh, bobagem. – gracejou. – Nada demais.

– É um serviço que prestamos à comunidade. O forno estava desativado até 2010, foi consertado e a congregação firmou parcerias com hospitais e clínicas. A vigária o deixou aos cuidados da Irmã Verônica, que, graças a Deus, o administra muito bem.

– Notei o movimento.

Irmã Suzane parecia consternada quando arriscou apresentar outra opção de estadia.

– Temos outro quarto. Mas, dá para o depósito de lixo.

“Tem um com vistas para alguma boate ou bar?”, Natália pensou.

– Interessa?

– Oh, não. Estou bem aqui. Fique tranquila.

– De qualquer forma, reitero o pedido de desculpas. Boa noite.

– Boa noite.

Voltou ao computador, inseriu o pendrive e digitou a senha da internet. Passou por textos e abriu a caixa com os vídeos. Pegou o envelope na bolsa e folheou as três primeiras páginas dos

documentos até encontrar o trecho relativo ao que fazer no convento. Selecionou todos arquivos e os jogou na nuvem cibernética. Depois, verificou cada um deles e abriu o primeiro, na sequência informada na carta. Pensou estar diante de um espelho quando viu o rosto que surgiu na tela.

– Olá, Natanael. – disse sua irmã. – Se chegou até aqui, é porque terei de lhe chamar pelo meu nome: Natália Ritelli, como será conhecido a partir de agora. Fico feliz por isso, e espero que não estrague tudo, como sempre fez.

“Nem depois de morta”, refletiu.

– Chamarei você de Natália número dois ou N2. Eu serei Natália número um, a original ou simplesmente N1. Preciso que ouça com atenção, preferencialmente com fones de ouvido. Mantenha o celular perto, pois talvez necessite fazer ligações. Peço que se certifique de estar rigorosamente só, sem ninguém perto.

Ela pausou e ergueu o indicador:

– Vasculhe o quarto que lhe reservaram.

Tornou a pausar.

– Não confie na Irmã Laura, a vigária, ela sempre me detestou. Agora vá. Faça isso e volte.

Como se estivesse numa conversa, respondeu:

– Já fiz isso. Por instinto, olhou em volta. Ergueu-se rapidamente e conferiu novamente o trinco. Retornou ao assento. Antes, contudo, pausou o vídeo, pegou o cardápio e ligou para o restaurante. Reativou o vídeo somente após a refeição chegar, cerca de quarenta minutos depois. Tornou a verificar a porta e, dessa vez, também, a janela. O forno não estava mais aceso e nem os homens estavam mais lá. Natália número um reapareceu e parecia sorrir com suas largas bochechas, mesmo sem abrir a boca. Ela tirou o véu e sacudiu os cabelos.

– No meu livro – ela recomeçou – fiz várias analogias entre fábulas e a vida. Pense num homem que morava com a família perto de uma montanha. Certo dia, ele resolveu retirar a montanha, porque achava que sem ela o rio escoaria melhor. Ele explicou à família e todos colaboraram. Retiravam sacos e mais sacos de terra, e aterravam terrenos com declives, tapavam buracos nas estradas e colocavam a terra onde quer que alguém precisasse. Fizeram isso por meses, juntos, sem parar, até que um vizinho perguntou à mulher dele por qual razão ela e os filhos continuavam fazendo aquilo, se sabiam que a ideia era louca, pois levariam anos, talvez décadas, para retirar toda a terra da montanha. Ela respondeu: se levar décadas será ótimo, estaremos juntos com ele.

Natália original silenciou por uns segundos, depois disse:

– Sua tarefa não será por mim, será para ficarmos juntos com ele, como na fábula.

Ela pausou novamente e em seguida disse:

– O papa Francisco precisa de certas informações e nosso filho necessita de você. Sua irmã tão acusada por você de ser orgulhosa, está aqui, prestes a se redimir diante de Deus junto com você, pedindo ajuda para retirar a terra da montanha, como na estória que contei, juntos.

Houve nova pausa e depois a Natália original concluiu:

– Pela primeira vez na sua vida desregrada você fará o que é certo. Conto com você. E nem pense em falar todxs, aquelx, escolhidx ou coisas do tipo, entendeu? Você agora é Natália Ritelli. Ponha isso definitivamente dentro dessa sua cabeça.